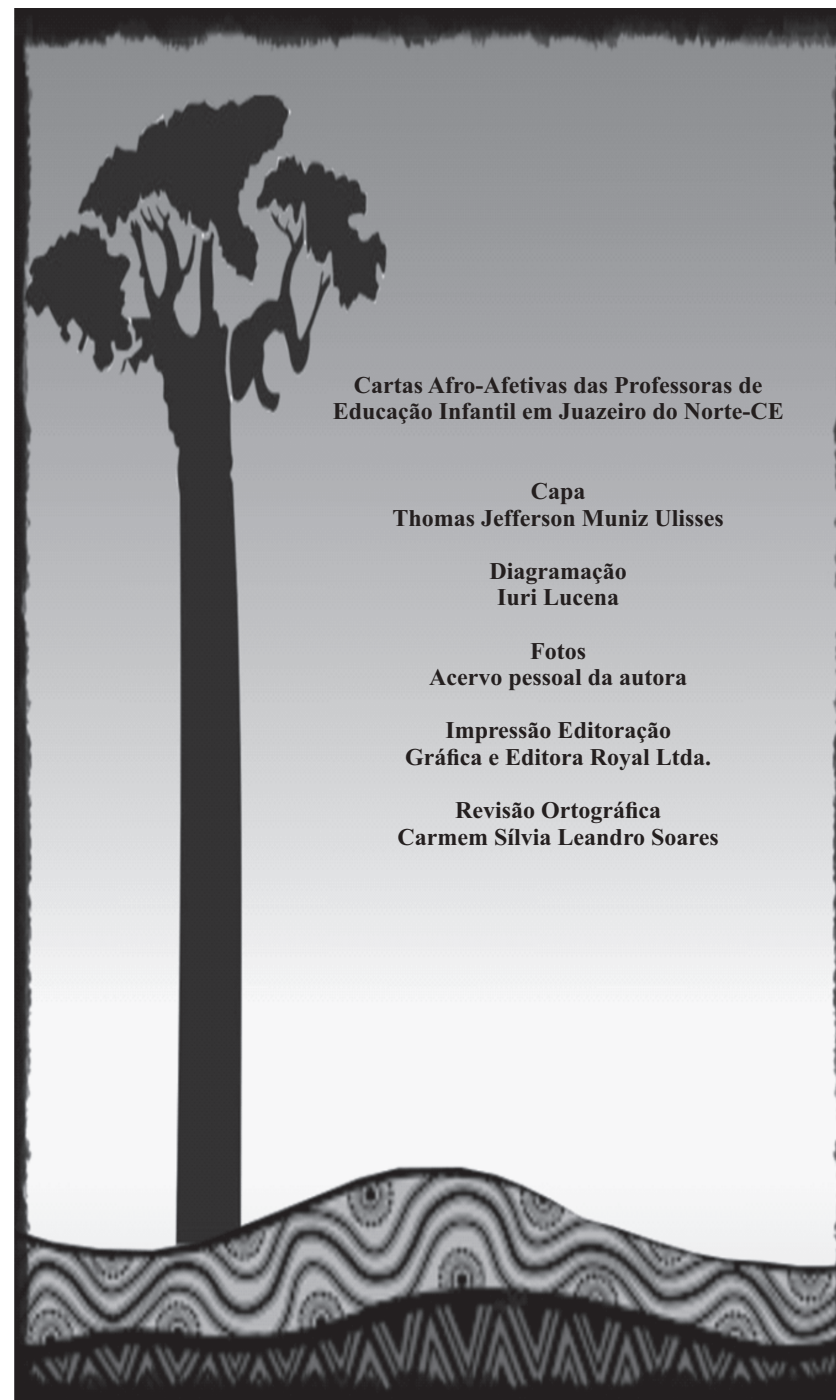




DEDICATÓRIA

Dedico este livro ao meu esposo Thomas Jefferson, o qual ao longo desta década (2013 a 2023), foi um companheiro, cúmplice nas minhas/nossas conquistas, paciente em minha trajetória na URCA, nos Cursos de Pedagogia, Especialização em Educação Infantil e Mestrado Profissional em Educação, me apoiando em cada etapa e me presenteando com duas lindas filhas Deborah Anny (2019) e Ruth Mirelly (2022), as quais me encorajam todos os dias a lutar por uma Educação Infantil dialogada com a Pedagogia Afro-Afetiva.

Figura 01: Thomas Jefferson, nossas filhas e eu, em comemoração natalina



Fonte: Acervo pessoal



AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter iluminado o meu caminho, dando-me forças para chegar até aqui e poder conquistar o sonho de afro-afetar vidas na Educação Infantil.

Segundamente agradeço as mediações afro-afetivas da professora Cicera Nunes, no meu percurso formativo em especial no período da minha pesquisa de mestrado na EMEI Professora Francisca Letícia do Amaral Brasileiro em Juazeiro do Norte-CE.

Figura 02: Cicera Nunes e eu, em um dos nossos encontros formativos na URCA.



Fonte: Acervo pessoal

Ficha Catalográfica elaborada pelo autor através do sistema
de geração automático da Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri - URCA

Ulisses, Sara Raquel de Alencar Ferreira

U39c Cartas Afro-afetivas das Professoras de Educação Infantil em Juazeiro do Norte-CE / Sara Raquel de Alencar Ferreira Ulisses. Crato - CE, 2024.

29p. il.

Cartilha. Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri - URCA.

Orientador(a): Prof.^a Esp. Cícera Nunes

1.Diversidade Étnico-racial, 2.Educação Infantil, 3.Formação docente, 4.Pedagogia Afro-afetiva; I.Título.

CDD: 371.3

PREFÁCIO

Quando casei com Sara Raquel, ela havia terminado o Curso de História na URCA e ensinava no Curso Normal Médio no Colégio Municipal Bárbara de Alencar em Exu-PE, foi aí que percebi sua paixão pela Pedagogia, nesse período pude somar forças para vê-la cursar sua segunda graduação nesta área.

Em 2013 ela passou no vestibular e ainda no primeiro ano de curso foi selecionada como bolsista da professora Edivone Meire na área de Educação Infantil. Admirava seu esforço ao participar das pesquisas nas escolas de Educação Infantil em Crato-CE, mesmo morando em outro município. Alguns dias da semana ela costumava sair às 5h da manhã de Exu, para as 7h da manhã iniciar as observações das rotinas da Educação Infantil nas escolas de Crato. Suas observações foram transformadas em trabalhos apresentados em eventos regionais, nacionais e internacionais.

O tempo passou e logo Sara concluiu o Curso de Pedagogia e iniciou sua Especialização em Educação Infantil pela URCA. Em 2019, fez o concurso para professora de Educação Infantil em Juazeiro do Norte, sendo aprovada e tornando-se professora da EMEI Professora Francisca Letícia do Amaral Brasileiro, instituição na qual realizou sua pesquisa de Mestrado Profissional em Educação MPEDU/URCA na área de Práticas Educativas, Culturas e Diversidades, sob orientação da professora Cicera Nunes.

No período de dois anos Sara qualificou seu projeto, submeteu ao Comitê de Ética e Pesquisa e realizou sua pesquisa com muita satisfação por tratar de um assunto envolvente e muito importante na educação. Eu mesmo, fui tocado pelos valores civilizatórios afro-brasileiros de Azoilda Loretto da Trindade, desde o início do projeto de Sara, quando tive acesso ao material do Projeto A Cor da Cultura e passei a trabalhar com meus alunos da EJA em Exu-PE. Muito prazeroso conhecer mais sobre a Pedagogia Afro-Afetiva e poder contribuir com a pesquisa de Sara, esposa que tanto amo e estimo.

Thomas Jefferson Muniz Ulisses

**Professor de Educação de Jovens e Adultos-EJA / Escola
Estadual São Vicente de Paula em Exu-PE**

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Thomas Jefferson, nossas filhas e eu, em comemoração natalina.....	04
Figura 2: Cicera Nunes e eu, em um dos nossos encontros formativos na URCA.....	06
Figura 3: Valores civilizatórios afro-brasileiros	14
Figura 4: Cicera Nunes, Edivone Meire e eu, na apresentação da minha Monografia na URCA	18
Figura 5: Luana, Rayanne e eu, em um dos nossos encontros no MPEDU/URCA.....	21
Figura 6: Cicera Nunes, as professoras da EMEI e eu, dialogando sobre Diversidade Étnico Racial na Educação Infantil.....	29
Figura 7: Dialogando com as professoras no encontro “Feijoada da gratidão”.....	31
Figura 8: Momento de fortalecimento dos laços afro-afetivos com as Professoras da EMEI.....	50



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
CAPÍTULO I - Ressignificando quem sou para fortalecer quem somos!.....	15
CAPÍTULO II - Cartas Afro-Afetivas das Professoras de Educação Infantil em Juazeiro do Norte-CE	25
CAPÍTULO III - Entrelaçando nossas histórias de vida mediante a cooperatividade na Educação Infantil.....	30
CAPÍTULO IV - Contribuindo com o Projeto Político-Pedagógico da Educação Infantil mediante a Pedagogia Afro-Afetiva.....	46
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	52
REFERÊNCIAS.....	53



APRESENTAÇÃO

Este livro traduz um pouco da minha pesquisa de mestrado mediante o diálogo construído com as professoras da EMEI, as quais se dispuseram a contribuir com produções individuais de cartas afro-afetivas baseadas nos encontros vivenciados na EMEI Professora Francisca Letícia do Amaral Brasileiro em 2023.

As reflexões sobre a Pedagogia Afro-Afetiva originaram a partir da leitura de livros e artigos da intelectual brasileira que agiu em virtude de uma educação antirracista voltada para as singularidades das crianças/jovens, priorizando os seus saberes e as suas vivências; Azoilda Loretto da Trindade, a qual idealizou os valores civilizatórios afro-brasileiros, visibilizando o protagonismo do povo africano, assim rompendo com padrões e/ou tradições favorecedoras do racismo estrutural.

Pensar sobre racismo estrutural é compreender que a maioria das instituições de ensino, mesmo após a elaboração da lei 10.639/03, ainda não discutem de forma ampla e consistente as tensões raciais que permeiam nossa sociedade. Uma das grandes preocupações de Azoilda era como lidar com nossas crianças nos espaços de ensino que não valorizam a cultura afro-brasileira e os tantos corpos negros inseridos nos cotidianos escolares que não tinham suas subjetividades valorizadas e visibilizadas. (SILVA, 2021, p. 46).

Pensando no exposto, Azoilda propõe os valores civilizatórios afro-brasileiros, objetivando resignificar a diversidade africana no Brasil a partir de suas contribuições históricas, filosóficas, culturais e sociais.

Conforme Gisele Rose da Silva (2021); filósofa e educadora, em sua obra intitulada “Azoilda Loretto da Trindade: o baobá dos valores civilizatórios afro-brasileiros”:

Ao pensarmos sobre os valores civilizatórios afro-brasileiros, criamos possibilidades de contar novas histórias, de inserir sujeitos e subjetividades dentro deste ambiente escolar que pode, e deve ser acolhedor e respeitoso com todas e todos. [...] Azoilda nos mostra que esses valores podem ser pensados e aplicados dentro e fora do cotidiano da escola, agindo como estratégia de múltiplas atuações. (SILVA, 2021, p.54).

A autora proporciona nesta obra uma viagem lúdica e afetiva na compreensão dos valores civilizatórios afro-brasileiros idealizados por Azoilda Loretto da Trindade. Inicia com o princípio do AXÉ/ENERGIA VITAL, destacando a vida que pulsa em cada ser e a relevância de suas ações, expressões e interações com os outros. Nesse processo a ORALIDADE traduz as vozes silenciadas, dando visibilidade às singularidades e a liberdade de expressão em uma perspectiva afetiva, isto é, “[...] praticar uma oralidade que afete o outro e como via de mão dupla deixar que o outro fale e nos afete.” (SILVA, 2021, p. 56).

Adiante, a autora refere-se à CIRCULARIDADE, como característica marcante na constituição humana, presente nas rodas de compartilhamento de saberes e fortalecimento dos laços afetivos entre os sujeitos. Como por exemplos as rodas de capoeira, samba e conversas. Nesse processo a CORPOREIDADE ou formas de ser e estar no mundo, impulsiona: “Compreender sobre corpos que tiveram suas existências negadas, subjugadas, subalternizadas e, em muitos casos, apagadas é refletir sobre uma outra possibilidade de encarar nossas questões relacionadas às nossas subjetividades nos diversos espaços.” (SILVA, 2021, p. 57).

Nessa perspectiva a autora faz menção a outro valor civilizatório afro-brasileiro, a LUDICIDADE, promotora das celebrações pela vida, alegria de partilhar com os outros: felicidade, afetividade e distrações. A MUSICALIDADE é uma mistura dessa ludicidade, com os instrumentos emissores de sons capazes de produzir emoções e/ou gerar afetos, valor civilizatório afro-brasileiro que “[...] promove momentos lúdicos e únicos de entrelace entre corpos numa perspectiva de integração e harmonia, aguçando nossos sentidos e afetando nossas existências.” (SILVA, 2021, p.57).

A COOPERATIVIDADE, outro valor civilizatório afro-brasileiro que permite unir objetivos, conquistar transformações sociais em coletividade com outros sujeitos dispostos a pensar e mediar ações em prol de bens comuns a todos.

A MEMÓRIA, construída pelas recordações da família, pelos

espaços frequentados e pelas vivências afetivas, relaciona-se a outro valor civilizatório afro-brasileiro a ANCESTRALIDADE, raízes familiares que traduzem culturas, tradições, crenças e múltiplas características em cada sujeito.

A RELIGIOSIDADE, abrange o sagrado contemplando a existência de todos os elementos da natureza, os quais afetam e são afetados conforme os seus territórios; outro valor civilizatório afro-brasileiro é a TERRITORIALIDADE, lugar de pertencimento composto por relações individuais e coletivas, sejam elas decorrentes do meio familiar, religioso, comunitário, etc. Por isso Azoilda não se refere a um tipo de religião, “[...] compreendendo que a religiosidade é que deve ser pensada em todos os espaços com base no respeito e na afetividade.” (SILVA, 2021, p.58).

Vale salientar que: “[...] a afetividade está presente na prática do resgate desses valores civilizatórios afro-brasileiros que se apresentam como uma energia vital que nos motiva a ver, tocar, falar e compreender o outro.” (SILVA, 2021, p. 57-58).

Nessa perspectiva Azoilda, explica o porquê dessa afetividade no resgate aos valores civilizatórios afro-brasileiros, em seu artigo intitulado “Fragmentos de um discurso sobre afetividade”, presente no Caderno de Textos do Projeto A Cor da Cultura, organizado por Ana Paula Brandão e Kátia Santos (2015, p.70): “Porque afetividade tem relação direta com o influenciar e ser influenciado, potencializar, possibilitar. Porque afetividade está relacionada ao gostar de gente, propiciar encontros, contatos e afetações.” Ação pedagógica que denominei de Pedagogia Afro-Afetiva, na qual os valores civilizatórios afro-brasileiros entrelaçam todas as práticas pedagógicas afetando positivamente os sujeitos e suas relações étnico-raciais.

Assim, aconteceu no decorrer dos encontros ocorridos na EMEI em Juazeiro do Norte, assim como eu, mais seis professoras de Educação Infantil foram impactadas com a Pedagogia Afro-Afetiva, traduzindo suas reflexões e sentimentos em cartas afro-afetivas, apresentadas neste livro.

Figura 3 - Valores civilizatórios afro-brasileiros



Fonte: TRINDADE, Azoilda Loretto. Saberes e fazeres: caderno de metodologia/Ana Paula Brandão, Katia Santos; [organizadoras]. 1. ed. –Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2015. (Coleção kit pedagógico: Projeto A Cor da Cultura).

CAPÍTULO I - RESSIGNIFICANDO QUEM SOU PARA FORTALECER QUEM SOMOS!

Somos únicos e somos múltiplos, somos uma riqueza de possibilidades. E podemos nos conectar, nos compreender, nos comunicar, interagir... nos constituir em comunidades, grupos, sociedades, civilizações... e compartilhar as graças e desgraças da existência.

Azoilda Loretto da Trindade

No contexto de imposições e homogeneização social, nasci em 04 de novembro de 1987, no Município de Crato-CE e; morei com os meus pais em Exu-PE até 2002, nesse período me apresentaram histórias de príncipes e princesas com os mesmos padrões estéticos, étnicos e culturais, o que fragilizou minhas experiências e aprendizagens no tocante às relações étnico-raciais.

No Ensino Fundamental minhas colegas costumavam alisar os cabelos para ficarem mais bonitas e serem elogiadas. Observei nesse período que as meninas que não tinham cabelos lisos eram excluídas dos grupos de amizade e raramente se destacavam. Assim era a minha rotina escolar, com poucos colegas e menos elogios; a não ser quando fazia uma boa prova e conseguia obter uma nota superior a nove, recebia “parabéns” escrito na própria prova ou um muito bem dos professores.

Também foi nesse período que passei a preferir fazer trabalhos individuais. Caso houvesse a obrigatoriedade do trabalho ser em equipe procurava sempre ficar no grupo dos excluídos, motivando minha equipe a ser a melhor. Em 2003 passei a morar com os meus avós em Crato, onde cursei o Ensino Médio na Escola Estadual Estado da Bahia.

Entre os anos 2007 a 2012, cursei Licenciatura em História e em seguida fiz o Curso de Especialização em História do Brasil, ambos realizados na Universidade Regional do Cariri – URCA. Estes cursos possibilitaram-me compreender as raízes da história brasileira marcada por grandes genocídios, principalmente dos povos indígenas e afrodescendentes.

Em 2010 tive a oportunidade de ser contratada pelo Município de Exu, para atuar como professora das disciplinas de Didática e Avaliação da Aprendizagem, Educação Especial, Filosofia da Educação e Política da Educação, no Curso Normal Médio do Colégio Municipal Bárbara de Alencar – CMBA. Experiência que me possibilitou ampliar conhecimentos e descobrir minha vocação na área de Pedagogia.

Em 2013 cursei minha segunda graduação em Pedagogia, também pela URCA. Foram anos essenciais em minha formação pois permitiu que atuasse como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC, no projeto intitulado “Rotinas na Educação Infantil: concepções e práticas”, mediante vivências em períodos integrais nas instituições de Educação Infantil do Município de Crato, orientado pela professora Dra. Edivone Meire Oliveira.

Nessas instituições foi possível identificar tradições que corroboram a permanência de ações descontextualizadas da diversidade infantil, desrespeitando suas especificidades culturais. Em nossos estudos compreendemos que uma proposta pedagógica consciente é aquela que busca alternativas de oposição aos saberes já consolidados pela sociedade, onde a flexibilidade, o diálogo e a participação sustentam suas concepções e norteiam suas práticas. (BARBOSA, 2006).

Tratando-se do respeito às vivências socioculturais infantis, as propostas pedagógicas para a Educação Infantil, conforme estabelecido no Art. 4º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil DCNEI (BRASIL, 2009), reconhece a criança, como:

[...] sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Isto significa que as crianças indicam os caminhos a serem percorridos na proposta curricular, mediante experiências

significativas aos contextos históricos, sociais e culturais que as caracterizam.

Em 2015, também atuei como professora do Círculo de Educação e Cultura articulado ao Programa Mãe Coruja Pernambucana, acompanhando mulheres, bebês e crianças em uma turma no centro do município de Exu-PE e mais duas turmas em seus distritos de Timorante e Viração.

Essa experiência permitiu conhecer histórias de mulheres guerreiras que se dedicavam à criação/educação dos seus filhos, marcando presença em nossos encontros, realizando atividades e participando dos eventos/palestras, voltados à saúde da mulher e ao desenvolvimento infantil.

Em 2016, outra oportunidade de ampliação dos estudos foi atuar como bolsista da Pró-Reitoria de Extensão – PROEX, no projeto intitulado “Análises e reflexões sobre rotinas na Educação Infantil: Rodas de conversas com professoras de instituições do Crato”, sob orientação da professora Dra. Edivone Meire Oliveira.

Tais diálogos proporcionaram reflexões sobre as ações docentes efetivadas nas instituições, permitindo analisar as concepções e abordagens do currículo na Educação Infantil, e discutir aspectos de uma rotina flexível e sensível à infância.

Como complemento das experiências aqui relatadas, os estudos realizados no Grupos de Estudos em Educação Infantil – GEEDI, do Núcleo de Educação Infantil - NEI da URCA, também coordenado e orientado pela professora Dra. Edivone Meire Oliveira, no Núcleo de Estudos em Educação, Gênero e Relações Étnico-Raciais – NEGRER/URCA coordenado e orientado pela professora Dra. Cicera Nunes, e no Curso de Especialização em Educação Infantil do NEI/Departamento de Educação da URCA, proporcionaram-me trocas de saberes com especialistas, mestres e doutores da área e oportunidades de conhecer novas abordagens e concepções sobre currículo na Educação Infantil.

Tais vivências puseram-me em contato com estudos sobre as

práticas pedagógicas coerentes com as DCNEI (BRASIL, 2009), e com a Lei 10.639 (BRASIL, 2003), dialogada com os campos de experiências situados na construção da identidade étnico-racial das crianças, constituindo uma relação sem preconceitos e/ou desigualdades, onde o conhecimento se dá na construção de uma imagem positiva e valorativa das experiências de cada sujeito envolvido no processo de aprendizagem, sem distinções étnicas.

Todos estes saberes sensibilizaram o meu olhar e a minha forma de pensar sobre educação e relações étnico-raciais na primeira infância, possibilitando-me entender que as crianças desde cedo devem ser mediadas a partir do conhecimento sobre suas origens, e/ou histórias de vida.

Em novembro de 2016, passei em um concurso público no Município de Ouricuri-PE, recebendo o desafio de atuar como professora de uma turma multisseriada no Sítio Limoeiro na Escola Municipal Alexandre Galdino de Araújo, com crianças de quatro, cinco e seis anos.

Essa experiência resultou em minha monografia de conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, intitulada “Diversidade na primeira infância: escuta das crianças de uma turma multisseriada localizada no sítio Limoeiro em Ouricuri-PE”, orientada pela professora que sempre acompanhou-me na graduação com afeto e atenção, Dra. Edivone Meire Oliveira e examinada pela Dra. Cicera Nunes, a qual mais adiante me encaminharia no Mestrado em Educação, dando sentido ao meu fazer pedagógico.

Figura 04: Cicera Nunes, Edivone Meire e eu, na apresentação da minha Monografia na URCA



Fonte: Acervo pessoal

As crianças revelaram o quanto sofriam diante do racismo naturalizado em sua comunidade, demonstrando por meio de gestos, expressões e falas a tristeza que sentiam quando os adultos do seu convívio familiar e escolar as discriminavam por sua cor, fazendo uso de termos pejorativos ou comparações entre as crianças que eram mais “bonitas”, por serem brancas, terem cabelos lisos e olhos claros e, as “feias”, crianças pretas, com cabelos crespos e olhos escuros. (ULISSES, 2017).

Em 2021, passei em outro concurso para atuar como professora de Educação Infantil na rede municipal de Juazeiro do Norte, na EMEI Francisca Letícia do Amaral Brasileiro, em uma turma de crianças bem pequenas com faixa etária entre um ano e sete meses a três anos e onze meses, estas demonstram ao longo das nossas experiências na EMEI, a necessidade de interações e brincadeiras diárias que visibilizem suas histórias de vida, assim como as suas relações étnico-raciais.

Diante de ambas experiências percebi que mesmo após a lei 10.639/03, são constantes os estudos e pesquisas, que indicam a negação das diferenças étnicas desde a Educação Infantil, contribuindo para a permanência da discriminação racial, isto é, “[...] processo que acarreta inúmeras desvantagens para o grupo negro e para toda sociedade brasileira direta ou indiretamente.” (CAVALLEIRO, 2021, p. 26).

A discriminação racial ainda é muito atuante em todas as esferas sociais, esta, afeta os seres humanos desde a sua concepção. Uma das razões pela qual se deve ressignificar o lugar da formação dos profissionais.

Nesse contexto os cursos de Pedagogia tornam-se parte importante nesse processo, pois a formação direcionará o profissional para atuar nas práticas de docência, em especial na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano) e para a gestão educacional, onde terá a oportunidade de desenvolver um trabalho voltado para a educação das relações étnico-raciais na infância, bem como atuar na aplicabilidade dessa política nos espaços escolares. (NUNES; SANTANA; FRANCO, 2021, p. 4).

Articular a formação em Pedagogia à Educação para as Relações Étnico-Raciais na Educação (ERER), é um caminho para lutar contra o racismo e construir novas perspectivas de contribuição pedagógica desde a primeira infância.

Esta articulação exige consciência docente sobre a Lei 10.639 (BRASIL, 2003), em todo o percurso da Educação Básica, impulsionando práticas pedagógicas desde a Educação Infantil, que viabilizem o pertencimento de cada sujeito aos seus grupos sociais, valorizando suas partilhas, sentimentos, pensamentos, lutas e interações individuais e coletivas. A partir dessa consciência, a educação será significativa às aprendizagens desde a primeira infância.

Uma educação voltada à aceitação e reconhecimento positivo das diferenças, objetiva “[...] mostrar que a diversidade não constitui um fator de superioridade e inferioridade entre os grupos humanos, mas sim, ao contrário, um fator de complementaridade e de enriquecimento da humanidade em geral; [...]” (MUNANGA, 2005, p.15).

Ciente e comprometida em lutar por esta causa, fui selecionada pelo Mestrado Profissional em Educação/URCA na turma de 2022.1, tendo como linha de pesquisa, “Práticas educativas, culturas e diversidades”, com uma proposta de pesquisa voltada à diversidade étnico-racial desde a Educação Infantil; primeira etapa da Educação Básica, base inicial de formação das hipóteses, saberes individuais e coletivos ampliados em conhecimentos sobre o Brasil e o mundo.

No meu primeiro semestre, tive a oportunidade de cursar a disciplina optativa Tópicos de Ensino I: História de mulheres e processos educacionais, tendo como professoras a Dra. Zuleide Fernandes Queiroz e a Dra. Adriana Alencar. Nossos estudos resultaram na publicação do livro eletrônico em 2022, intitulado: “Educa(ções) no cariri cearense: história do protagonismo feminino”.

Nesta ocasião participei da elaboração do artigo: História de

mulheres negras, estudantes e professoras que se cruzaram no Mestrado Profissional em Educação na Universidade Regional do Cariri.

O que motivou-me realizar esse trabalho além das obras lidas e dos seminários compartilhados ao longo da disciplina, foi a parceria com minhas colegas de graduação em Pedagogia e colegas de graduação em Pedagogia e companheiras de luta no Mestrado MPEDU/URCA, Luana Ricarto da Costa e Rayanne Pereira do Nascimento.

Figura 05: Luana, Rayanne e eu, em um dos nossos encontros no MPEDU/URCA.



Fonte: Acervo pessoal

Esse trabalho me fez refletir sobre a minha trajetória até chegar no Mestrado, ao final da escrita me senti mais encorajada diante das histórias compartilhadas pelas colegas, as quais assim como eu, resistiram e enfrentaram grandes desafios desde suas infâncias, como por exemplo o racismo. Este, foi relatado no decorrer das entrevistas realizadas. Entre os relatos destaco um, referente a mestranda B:

[...] apareceram alguns preconceitos que foi onde mexeu muito com a minha autoestima de quando eu era criança, porque eu sempre ouvi muito que eu era negrinha de cabelo ruim. E a questão de sempre apresentar mais peso [...], e eu sempre escutava essas piadas e brincadeiras sem graça. (PINHEIRO et al., 2022, p. 85).

Neste relato, sentimos a angústia da entrevistada em expor o motivo de sua baixa estima; o racismo sofrido desde a sua infância decorrente de suas características físicas. O relato proferido converge com muitos outros, apresentados em pesquisas recentes,

como pude identificar na primeira etapa de estudos da pesquisa, a qual foi desenvolver o estado da arte, sob orientação da professora Cicera Nunes, que me acompanhou em todo esse percurso.

O resultado dos estudos foi a produção do trabalho intitulado “Relações étnico-raciais na Educação Infantil: um breve estudo da arte”, apresentado no Simpósio Temático Patrimônio Cultural Negro e Educação, do XIII Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra.

Vale salientar que nesses estudos encontrei 2.819 resultados a partir das palavras-chaves “relações étnico-raciais” e “Educação Infantil”, nos bancos de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES; Scientific Electronic Library Online – SciELO, e; Anais do Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra, dentre os quais apenas quinze trabalhos se referiam às relações étnico-raciais na Educação Infantil.

Os trabalhos demonstraram que há naturalização de comportamentos preconceituosos entre docentes partilhados com as crianças na rotina pedagógica, provando a pouca abordagem que é feita da história afro-brasileira na Educação Infantil, e; a emergência de se implementar a Lei 10.639/03 na convivência com as crianças em creches e pré-escolas.

Por outro lado, os trabalhos revelaram formas de mediações conscientes a partir das brincadeiras, rodas de conversas com as crianças que ressignificam o que se sabe sobre os povos africanos e a raiz afro-brasileira, mediante a memória da ancestralidade e o autorreconhecimento histórico, cultural e artístico presente nas relações individuais e coletivas.

No meu segundo semestre de mestrado tive a oportunidade de aprofundar os estudos no campo das relações étnico-raciais, cursei a disciplina optativa Memória e Oralidade: Metodologia de Pesquisa e Ensino com a temática da Afrodescendência, ministrada pela professora Cicera Nunes e pelo professor Henrique Cunha.

Nessa disciplina aprendi que a tradição oral atua como princípio filosófico que procura romper com as tradições construídas apenas no campo da racionalidade. Assim, pode trilhar pela pretagogia e/ou potencialização dos saberes ancestrais africanos; idealizada pela professora Dra. Sandra Petit da Universidade Federal do Ceará – UFC e; pelas pesquisas autobiográfica e afrodescendente, as quais exigem aproximação da realidade.

Como por exemplo cito o trabalho de Nunes (2021), intitulado “Narrativas de mulheres negras: cultura de base africana e educação no cariri cearense” o qual possui uma abordagem autobiográfica fundamentada nas narrativas de duas mulheres negras protagonistas e produtoras de cultura no Cariri:

[...] Dona Maria de Tiê, dançadeira de coco e integrante da comunidade quilombola de Souza, no município de Porteirias, no Ceará; e dona Iraci, mezinheira da comunidade Chico Gomes, em Crato, no Ceará, ajudando-nos a compreender qual a concepção que essas mulheres negras possuem sobre o seu papel de transmissoras das práticas simbólicas de matriz africana no território cearense, compreender a relação com a ancestralidade e com os conhecimentos advindos da tradição oral. (NUNES, 2021, p. 1075).

Conhecer histórias como de Dona Maria de Tiê e dona Iraci, em primeiro lugar é imergir em um universo de saberes que não estão limitados ao conhecimento científico e/ou racional.

Em segunda instância, conhecer as histórias dessas mulheres que mesmo tendo seus direitos negados e silenciados por muito tempo, assim como suas tradições culturais, artísticas e históricas, “[...] continuam hoje afirmando suas identidades e lutando por seus direitos de cidadania plena na nossa sociedade, enfrentando relações de poder assimétricas, de subordinação e exclusão.” (CANDAU, 2008, p. 17).

Trabalhos como este realizado por Nunes (2021), ressignificam histórias africanas e afro-brasileiras tornando visíveis essas culturas, apresentando os reais protagonistas dos saberes e potencializando suas filosofias transcorridas por gerações. No

tocante a esta última, compreendo que hoje: “Trata-se de resolver as questões postas pelo eurocentrismo, colonialismo, racismo, ou seja, do conjunto da dominação ocidental sobre as populações africanas e africanas da diáspora.” (CUNHA Jr., 2010, p. 84).

Outra obra relevante que destaco é “Amkoullel, o menino fula” escrito por Amadou Hampâté-Bâ, idealizador da frase: “Na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima”, mestre da transmissão oral e especialista nos estudos das tradições das savanas africanas.

A leitura dessa obra possibilitou-me compreender a diversidade africana presente nas tradições religiosas, sociais, étnicas e culturais. Como exemplo, cito as tradições dos povos fulas. “Quase todas as lendas e tradições orais dos fulas mencionam uma origem oriental muito antiga. Mas, dependendo da versão, esta origem é às vezes árabe, iemenita ou palestina; às vezes, ainda mais longínqua, buscando sua fonte na Índia.” (HAMPÂTÉ-BÂ, 2013, p. 20).

Por isso o autor enfatiza que: “Quando se fala da “tradição africana”, nunca se deve generalizar. Não há uma África, não há um homem africano, não há uma tradição africana válida para todas as regiões e todas as etnias.” (HAMPÂTÉ-BÂ, 2013, p. 12). Em síntese, estes aprendizados permitiram-me ampliar concepções sobre a África e os seus povos, mediante a história oral e/ou narrativas que revelam saberes ancestrais e traduzem identidades.

Todas essas experiências permitiram ressignificar a minha própria identidade e consolidar conhecimentos adquiridos neste percurso, os quais levarei comigo e compartilharei por onde for e com quem estiver, seja no âmbito profissional atuando em prol das relações étnico-raciais na Educação Infantil; no meio familiar ou entre amigos procurando romper com barreiras impostas pelo racismo e trilhar por novos caminhos de resistência e luta por esta causa.

CAPÍTULO II - CARTAS AFRO-AFETIVAS DAS PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM JUAZEIRO DO NORTE-CE

Creio que essa dimensão da acolhida, respeitosa e amorosa, do corpo do outro tem uma história-memória social de violência, mutilação e insensibilidade com relação a seu corpo e aos corpos dos seus iguais, é uma chave para a permanência e o sucesso das nossas crianças, em especial as crianças negras, na escola. Permanência e sucesso, não de vítimas ou de carentes, mas de cidadãos de direito, vitoriosos sobreviventes de racismo, exclusões e injustiças sociais.

Azoilda Loretto da Trindade

O Município de Juazeiro do Norte localizado no estado do Ceará, possui uma população de 286.120 habitantes conforme pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022). Foi neste sexto município mais populoso do interior do nordeste brasileiro, que ressignifiquei minhas concepções e práticas pedagógicas na Educação Infantil, desde janeiro de 2021.

Período no qual o Brasil enfrentava há mais de um ano os impactos negativos da pandemia Covid-19. Esta, até os dias de hoje, registrou 706.986 óbitos, conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS), deixando também sequelas irreparáveis tanto na vida daqueles que conseguiram vencer a doença; quanto no cotidiano daqueles que não foram acometidos pela covid-19, mas, sofreram com o isolamento social, causador do aumento da ansiedade e da depressão nas pessoas, conforme indicado nos estudos da (OMS).

Nesse contexto a educação brasileira foi impactada, passando a desenvolver sua rotina pedagógica virtualmente, mediante vídeos, áudios, reuniões, planejamentos e formações mediante o google meet, uma das maiores plataformas de videoconferências reconhecida mundialmente. Todos os dias interagíamos com uma turma de crianças bem pequenas com faixa etária entre um ano e sete meses a três anos e onze meses, as quais demonstravam a cada novo encontro suas especificidades históricas, sociais e culturais.

Nesse percurso também crescia a minha primeira filha: Deborah Anny, a qual teve uma grande complicação após o seu nascimento, chegando a ser desenganada pelos médicos, mas, como um milagre divino resistiu às adversidades, reagindo a cada dia na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital e Maternidade São Camilo em Crato-CE. Tais vivências me deram forças para viver e continuar lutando por uma Educação Infantil mais humanizada, que respeite as especificidades de cada criança.

Com esse olhar afetuosos ligado a maternidade que pulsava em mim diante da educação e dos cuidados diários para com a minha filha, desempenhando a docência em turma de Educação Infantil (EI) na EMEI Professora Francisca Letícia do Amaral Brasileiro em Juazeiro do Norte, no período de pandemia, fui aprovada no Mestrado Profissional em Educação pela Universidade Regional do Cariri (MPEDU/URCA).

Fui aluna da turma de 2022.1, tendo como linha de pesquisa, “Práticas educativas, culturas e diversidades”, sob a orientação da Professora Cicera Nunes, a qual me apoiou em cada etapa, dispondo de atenção para me ouvir e indicar possibilidades de concretização do meu Projeto de Pesquisa intitulado: “Diversidade Étnico-Racial na Educação Infantil: dialogando com o Projeto Político-Pedagógico e a formação docente”.

Este, teve sua concretização na EMEI Professora Francisca Letícia do Amaral Brasileiro em Juazeiro do Norte, com apoio da gestão em especial da diretora, a qual sempre demonstrou interesse e acolhimento ao longo da minha trajetória no MPEDU, conjuntamente da coordenadora pedagógica, a qual participou atenciosamente dos encontros com Grupo Focal (GF) ocorridos na EMEI, encorajando as professoras seguirem em frente com os estudos do (GF).

Nossos encontros foram repletos de afeto e comprometimento com a Pedagogia Afro-Afetiva (PAA), isto é com os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros (VCAB): axé/energia vital, oralidade, circularidade, corporeidade, musicalidade, ludicidade, cooperação, memória, ancestralidade, religiosidade,

territorialidade, idealizados por Azoilda Loretto da Trindade, potencializando uma educação antirracista baseada no afeto e no acolhimento das crianças.

Em seu artigo intitulado “Valores civilizatórios afro-brasileiros na Educação Infantil”, Azo, destaca aspectos fundamentais a serem trabalhados com as crianças a partir de Mediações Afro-Afetivas (MAA), quando se refere ao axé/energia que pulsa em todos nós, afirma:

Podemos trabalhar a potencialização deste princípio nas nossas crianças, se nosso olhar, nosso coração, nosso corpo senti-las verdadeiramente assim. Elogios, um afago, brincadeiras de faz-de-conta, nas quais elas se sintam a mais bela estrela do mundo, a mais bela flor, alguém que cuida, alguém que é cuidado. Um espelho para que elas se admirem, para que brinquem com o espelho, e se habituem a se olhar e a serem olhadas com carinho e respeito. (TRINDADE, 2005, p. 33)

A Azo descreve a oralidade na EI como encorajadora da libertação, do compartilhamento de saberes, mediante “[...] momentos em que a história, a música, a lenda, as parlendas, o conto, os fatos do cotidiano possam ser ditos e reditos. Potencialize a expressão “fale menino, fale menina”. (TRINDADE, 2005, p. 33).

Ao se referir a circularidade como fonte de renovação presente na capoeira, nas histórias contadas ao redor da fogueira, entre outras tradições afro-brasileiras, recorda: “Já fazemos as tradicionais rodinhas na Educação Infantil, e nas reuniões pedagógicas, nas reuniões dos responsáveis. Que tal potencializarmos mais a roda, com cirandas, brincadeiras de roda e outras brincadeiras circulares?” (TRINDADE, 2005, p. 34). Dando continuidade, destaca a corporeidade como patrimônio a ser explorado com mais intensidade na EI:

Um povo que foi arrancado da África e trazido para o Brasil só com seu corpo, aprendeu a valorizá-lo como um patrimônio muito importante. [...] Valorizar os nossos corpos e os de nossas crianças como possibilidades de construções, produções de saberes e conhecimentos coletivizados, compartilhados. Cuidar do corpo, aprender a massageá-lo, tocá-lo, senti-lo, respeitá-lo é um dos

nossos desafios no pedagógico com a Educação Infantil. Dançar, brincar, rolar, pular, tocar, observar, cheirar, comer, beber, escutar com consciência. (TRINDADE, 2005, p. 34).

Expressa também a musicalidade e o prazer que ela desperta, fazendo florescer em cada um/a: alegria de viver, sorrir, cantar, dançar, batucar como expressão de sentimentos que dão sentido a vida.

Portanto, mãos à obra, som na caixa e muita música, muito som, mas não os “enlatados”, as músicas estereotipadas, o mesmo que vemos na TV e em quase todos os momentos da escola, nos quais a música se faz presente. Vamos ouvir músicas que falem da nossa cultura, que desenvolvam nossos sentidos, nosso gosto para a música e, com isso, não produzirmos alienados musicais desde a tenra idade. Nosso país é riquíssimo em ritmos musicais e em danças, que tal investirmos neste caminho? Conhecer para promover. (TRINDADE, 2005, p. 34).

Nessa perspectiva a Azo descreve a ludicidade no viver e fazer pedagógico com as crianças:

Se não fôssemos um povo que afirma cotidianamente a vida, um povo que quer e deseja viver, estaríamos mortos, mortos em vida, sem cultura, sem manifestações culturais genuínas, sem axé. Portanto, brinquemos na Educação Infantil, muita brincadeira, muito brilho no olho, muito riso, muita celebração da vida. (TRINDADE, 2005, p. 34-35).

Ao final do seu texto, a Azo destaca a cooperatividade, nas vivências e interações orientando: “A cultura negra, a cultura afro-brasileira, é cultura do plural, do coletivo, da cooperação. Não sobreviveríamos se não tivéssemos a capacidade da cooperação, do compartilhar, de se ocupar com o outro.” (TRINDADE, 2005, p. 35).

Com esse espírito de cooperatividade apresento as cartas afro-afetivas de professoras que abraçaram o sonho de construir uma Educação Infantil a partir da Pedagogia Afro-Afetiva; guiada pelos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros tão importantes na ressignificação do “Eu sou” para fortalecimento do “Quem somos”.

Figura 06: Cicera Nunes, as professoras da EMEI e eu, dialogando sobre Diversidade Étnico-Racial na Educação Infantil



Fonte: Acervo pessoal

CAPÍTULO III - ENTRELACANDO NOSSAS HISTÓRIAS DE VIDA MEDIANTE A COOPERATIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A capacidade de afetar e ser afetado pelo outro, pelo entorno, é fundamental para um processo educativo que se propõe voltado para a compreensão e respeito às diferenças que nos constitui como sujeitos do cotidiano.

Azoilda Loretto da Trindade

Nossos encontros com as professoras da EMEI resultaram em uma nova caminhada conjunta e aliada à Pedagogia Afro-Afetiva, assim como vivenciamos o encontro com (GF) nomeado Feijoada da Gratidão.

Esse dia me fez lembrar do início da minha história na EMEI: por um lado marcada pelas adversidades da Covid-19 no Brasil e, por outro sentido; reavivando em mim o sentimento de maternidade, neste caso da minha segunda filha Ruth Mirelly, a qual nasceu no ápice da minha pesquisa de mestrado, me acompanhando em cada etapa do seu desenvolvimento.

Assim como o meu esposo Thomas Jefferson que filmou e fotografou com muito carinho cada detalhe da pesquisa vivenciada com as professoras da EMEI e também, a minha sogra Maria de Fátima, que além de me ajudar com os cuidados da Ruth, preparou uma feijoada deliciosa como forma de agradecimento a cada professora que se dispôs em contribuir com esta pesquisa tão significativa em meu viver.

Esse dia foi essencial para o entrelace das nossas experiências. A partir da pergunta geradora: Qual a relação entre minha história de vida e as relações étnico-raciais? Cada professora ficou à vontade para relatar e escrever uma carta, contando um pouco de sua história.

Figura 07: Dialogando com as professoras no encontro “Feijoada da gratidão”



Fonte: Acervo pessoal

CARTA1

Juazeiro do Norte-CE, 29 de abril de 2023.

Ao diálogo com o Projeto Diversidade Étnico-Racial na Educação Infantil.

Ao pensar nas minhas experiências de vida no tocante as relações étnico-raciais, fui surpreendida ao perceber que primeiramente nunca havia pensado sobre o assunto. Depois fiquei surpresa muito mais quando simplesmente não encontrei nas minhas lembranças infantis nenhum amigo ou amiga negro/a.

Busquei nas minhas memórias da escola, da rua e nada. A relação étnico-racial que eu tive foi nas ilustrações dos livros de história, nas páginas que mostravam os escravos acorrentados. Nenhuma professora ou catequista me veio à mente. Foram minutos angustiantes de busca, que me mostraram a bolha em que vivi, e era uma grande bolha. Eu lembrei da minha avó paterna que era negra, ela era boa e eu a amava. Mas, escutei muitas falas dela racistas e também de outros idosos daquela época, e a família tratava aquilo como algo muito engraçado e naturalizado entre a gente.

No Ensino Médio eu fui estudar no Agrícola e percebi que dependendo do local que eu estava, aumentavam o número de pessoas negras no meu convívio. No Agrícola, tinham poucas mulheres e menos ainda mulheres negras. As duas mulheres negras que me lembro eram separadas das outras, acredito que elas se afastavam como autodefesa das críticas que tinham vivido até ali, e eu não era amiga delas.

Eu agradeço a oportunidade singular que me foi dada por meio deste projeto, na qual pude entender o meu fazer pedagógico e a minha forma de pensar as relações étnico-raciais até então. O mergulho na minha história, conforme as experiências ou in experiências com a diversidade desnudam a apatia e a falta de importância que eu tratava o tema na prática. Apesar do discurso está sempre dentro dos conformes e cheios de frases clichês. O

chão da sala de aula é o melhor lugar para um refazer constante, desconstruindo o que não foi bom, e reconstruindo enquanto educadora, mas, principalmente enquanto ser humano.

Alécia Pereira Pontes

CARTA2

Juazeiro do Norte-CE, 29 de abril de 2023.

Nasci em 28 de janeiro de 1976, filha de professora e caminhoneiro, meus pais, sempre muito esforçados, buscaram pra mim e meus irmãos o que eles não tiveram a oportunidade de desfrutar. O meu pai quando criança foi entregue pela família, porque os mesmos diziam não ter condições de criá-lo, a pobreza era latente e assim foi crescendo, de lar em lar, com aqueles que no momento se dispunham a lhe dar um teto.

Estudou até a 4ª série, abandonou os estudos, pois precisava trabalhar na roça, onde mais lhe mandavam. Minha mãe conta que andava alguns quilômetros para conseguir chegar na escola, passava o dia de fome, porque, como era longe, tinha que sair muito cedo e acabava voltando muito tarde. Nessa época as escolas não forneciam merenda, mas não desistiu, foi crescendo e os meus avós mudaram do sítio para a vila, lá, ela conseguiu continuar estudando. Foi nesse local que ela e meu pai se conheceram. Iara – CE, distrito da cidade de Barro – CE.

O meu avô materno, homem preto, sem estudos, de família simples e honesta, assim como meus pais, buscava o melhor para seus filhos, foi o responsável por buscar sair do sertão, momento em que o Ceará passava por grandes dificuldades, muitas famílias migraram em busca da sobrevivência, de início foi para a vila de Iara, anos mais tarde para a cidade de Juazeiro do Norte, cidade na qual suas filhas estudaram e foram transformando a realidade de todos.

Minha avó materna, mulher, nordestina, analfabeta funcional, não foi fácil, mas ela sempre visionária buscou junto ao vizinho

realizar para os filhos sonhos que pareciam impossíveis na época, ver todos os seus filhos formados e independentes.

Honro todos os que me antecederam, não sei bem sobre os ancestrais do meu pai, o meu avô Nelson, a minha avó Isabel, pobres em uma época que o Nordeste, o Ceará enfrentavam grande desilusão, a indústria da seca operava na região, os pobres explorados, marginalizados, esquecidos e desvalidos, famílias inteiras sonhando e clamando por chuva, para conseguir plantar e ter o que comer, crianças que não passavam dos dois anos de idade. Sei que eles tiveram seus motivos em abandonar meu pai. Nós os perdoamos, eles estão em nossas preces, somos gratos a eles por termos o nosso painho. Homem digno, de fibra, que tem em seu DNA a fé a esperança, sabe quem é e o que quer e sempre quis na vida.

A minha mãe tem com ela algumas questões de infância que se estendeu até a vida adulta, quando ela e minhas tias, por serem miscigenadas, sofriam com palavras mal ditas, onde as comparavam. São cinco filhas, três pretas e duas brancas, viviam sempre questionando se eram irmãs de verdade. Minhas tias pretas se retraíam, não entendiam na época, mas estavam sofrendo racismo. Algo silencioso que gritava em seus corações, mas elas não sabiam verbalizar, argumentar, se defender.

Desse modo, sempre vivi nesse meio em que o racismo era vívido. Minhas primas chamadas “nega do cabelo pituim” e questionadas constantemente, “porque você usa essa arapuca na cabeça?” sofriam bem diante dos meus olhos essa violência. Eu como pessoa branca nunca entendi completamente essa dor. Mas, me entristeço ao ver que ainda hoje alguns dos meus alunos e alunas, pretos e pardos negam seus cabelos e peles devido a permanência desse racismo.

Portanto, vejo a necessidade de discutir o tema e combater o racismo estrutural presente na sociedade, com o intuito de brevemente ver o mundo minimamente melhor e poder presenciar as crianças para quem dou aula, se olharem no espelho e dizerem com confiança que suas peles e seus cabelos são lindos.

Fabiana Medeiros Santos

CARTA3

Juazeiro do Norte-CE, 29 de abril de 2023.

Ao diálogo com o Projeto Diversidade das relações étnico-raciais na Educação Infantil.

Olá! Meu nome é Kelly Cristina Maia de Araújo, nasci na cidade de Juazeiro do Norte-CE e sou a primeira filha de quatro irmãs. Iniciei minha vida escolar em uma instituição de ensino privado, da Educação Infantil até o Ensino Fundamental II, portanto tive pouquíssimos(as) colegas negros.

Na Educação Infantil, lembro que só tinha um colega negro, o Hélio e no Fundamental I, somente uma colega que era a Isabel, percebia que ela ficava bastante incomodada em relação ao cabelo. Essa temática das relações étnico-raciais não era abordada por nenhum professor(a). Nessa escola que estudei, do Infantil ao Fundamental II recordo-me de ter tido apenas duas professoras negras.

Ao chegar no Ensino Médio o cenário em relação a colegas negros já mudou, pois fui para uma instituição de ensino público, lá tinha mais pessoas negras, porém essa temática das relações étnico-raciais não era um tema recorrente.

Depois de várias tentativas para passar no vestibular, finalmente em 1997, ingressei na URCA (Universidade Regional do Cariri), no curso de Pedagogia, lá tive um contato mais amplificado sobre a temática abordada, tinha uma professora chamada Rosa, que era professora substituta, do movimento negro e muito engajada em promover ações antirracistas dentro da Universidade. Ela promovia seminários e convidava não somente educandos do curso de Pedagogia como dos demais cursos do campus, esses encontros falavam sobre o impacto de piadas racistas.

Após concluir o curso de pedagogia, depois de alguns anos, passei no concurso para professora no Município de Juazeiro do Norte-CE, em 2006. O tema da Diversidade étnico-racial passou a ser mais discutido nas formações, mais ainda de forma esporádica. Na minha prática em sala de aula procuro propiciar essas relações através de brincadeiras, de histórias onde os protagonistas sejam pessoas da diversidade étnico-raciais.

Costumo oferecer bonecas negras para as crianças, no começo quando oferecia as bonecas, tinha uma certa resistência por parte delas em querer brincar com as bonecas negras; tanto por crianças brancas e como negras.

Seria muito bom ter mais projetos voltado para essa temática dentro da escola, valorizando a Diversidade nas relações étnico-raciais. É importante que no PPP (Projeto Político-Pedagógico) da escola esteja inserido ações que contemplem o tema discutido aqui.

Kelly Cristina Maia de Araújo.

CARTA 4

Juazeiro do Norte-CE, 29 de abril de 2023.

Carta escrita a requerimento do Projeto Diversidade Étnico-Racial na Educação Infantil.

Sou Raquel Marcelino Matos Peixoto, nasci em 10 de maio de 1983 no Município de Crato-CE. Sempre morei com meus pais no Sítio Batateiras em Crato, em 2020, casei e passei a residir no Bairro Gisélia Pinheiro. Fiz todo o Ensino Fundamental na Escola Juvêncio Barreto no bairro mesmo, no período noturno desde a 5ª série com 11 anos, pois, tinha que cuidar da minha mãe que estava muito doente, mas para concluir o 3º ano tive que ser transferida para a escola José Alves que ficava na Vila Alta, devido a modalidade de ensino desenvolvida não ser permitida para a minha idade na antiga escola.

Quando criança não tive acesso a histórias e até os desenhos na

TV Globo e SBT, era em preto e branco então não tinha noções de cores. Quando fui para a escola pela primeira vez, lembro-me que estava com um vestido lindo. O único vestido que eu tinha, pois, todos os anos uma senhora presenteava-me com um vestido (minha única roupa nova). Ao entrar na sala sentei-me na mesa, espalhei o vestido e todas as crianças se aproximaram de mim, me senti uma princesa.

Depois veio a realidade só ia suja e com roupas muito velhas, então comecei a sentir uma sensação de abandono e humilhação por parte de todos da escola. Não entendia o porquê de não poder ser anjo nas coroações de Maria no mês de maio, de não ser escolhida para desfilar.

O tempo passou e quando cheguei no Fundamental eu só pensava em tirar notas boas, pois era a única coisa que eu poderia fazer para ser respeitada. Fui construindo laços afetivos, emprestavam-me roupas quando necessário, sempre tinha uma amiga por perto. O Ensino Médio, foi mais tranquilo, já me destacava nas notas e estava participando das coisas da igreja, estava bem inserida na comunidade, sem nunca pensar em questões de padrões estéticos, étnicos ou culturais.

Em 2001 entrei na Universidade Regional do Cariri- URCA, no curso de Pedagogia. Então todas essas questões de padrões vieram à tona nesse período, sofria calada, só não desisti da faculdade por que sabia que era a única chance que teria de mudar a situação em que eu e minha família vivíamos. Não era humilhada por ninguém pelo contrário faziam questão que eu estivesse inserida nos grupos deles, mas o pior preconceito vem de você mesmo. Chamava-me para lanche e por não ter dinheiro eu não ia, me isolava, ficava sozinha nas aulas vagas e intervalos.

Na primeira aula que ministrei como professora substituta, na escola do município no mesmo bairro que eu morava, com dinheiro providenciei logo uma farda. Não precisava, mas tinha vergonha das roupas, quando consegui ser aprovada para ser estagiária e depois agente administrativa do SESI-CRATO, tudo foi melhorando.

Mas, quando cheguei a fase de estágios, pedi para fazer na escola que passei a maioria da minha vida escolar, queria contribuir. A professora olhou para mim e disse que teria que ir armada, devido à violência no meu bairro. Chorei diante de todos e prometi naquele momento a mim e para ela que seria um dos melhores estágios de gestão que ela iria acompanhar. Quando terminou o estágio, me agradeceu. Na faculdade queria muito ser bolsista, fui para a seleção, mas perdi a possibilidade pois o professor disse que eu não poderia por morar longe, não ter transporte e nem computador.

Especializei-me em gestão com ênfase em Psicopedagogia na Faculdade Leão Sampaio. Quando trabalhava no SESI, algumas pessoas chegavam para mim e perguntavam onde eu morava. Quando eu respondia na Batateira, eles logo me interrogavam: Pode sair alguém capaz de trabalhar nessa empresa desse bairro. E eu respondia, eu estou aqui.

Consegui passar nos concursos públicos de Juazeiro do Norte nos anos 2006 e 2009, para os cargos de professora de Educação Infantil, transformando assim a minha vida, na época do segundo concurso, o SESI-CRATO estava na iminência de fechar, mas já tinha sido convidada para trabalhar no SESI-JUAZEIRO, tendo a possibilidade de escolher setores como Saúde e Educação. Na época fiquei muito feliz pois aquela incapaz diante de tantas pessoas passando por tantos preconceitos, naquele momento era tão desejada e valorizada pela empresa. Agradei, mas fiz uma das melhores escolhas da minha vida, fui ser professora de Educação Infantil, no Município de Juazeiro do Norte 200h/a. No município ainda fui nos anos de 2011 e 2012 Coordenadora Pedagógica.

Com o pouco de conhecimento que tinha sobre a Diversidade Étnico-Racial, e na busca constante de desenvolver uma cultura de respeito por todos os lugares que passo, busquei e busco transformar a realidade de muitos que passaram e passam na minha vida, não é fácil o preconceito está enraizado nas pessoas, mas busco aprender a cada dia para que possa contribuir de forma construtiva para a transformação de pensamentos e ações da nossa sociedade.

CARTA 5

Juazeiro do Norte-CE, 29 de abril de 2023.

Cara colega,

O tema abordado por você em nossos encontros, levou-me a refletir sobre muitas questões em relação as minhas origens e experiências, tenho raízes africanas por parte de minha avó materna, sendo todos os outros avós tidos como caucasianos, descendentes de europeus.

Talvez por estar num contexto familiar miscigenado não percebia nenhum tipo de preconceito e/ou que poderia haver diferenciação nas relações entre as pessoas a depender de sua tonalidade de pele.

Lembrei-me dos anos iniciais da escola, onde o acolhimento carinhoso e respeitoso era para todos.

Tínhamos professores e colegas de todas as cores. E ao mesmo tempo para mim não existia diferenciação. Só com o passar dos anos fui percebendo tanto na sala de aula como no dia-a-dia que para boa parte da sociedade a cor da pele tem importância e faz sim a diferença. Infelizmente percebi que preconceito e racismo sempre existiram, porém eram silenciados. Nunca debatido, nunca falado, mas vivenciado por muitos e com muita dor.

Meu desejo é que temas sobre relações étnico-raciais sejam explorados em todas as esferas para todas as classes e em todos os níveis. Só dessa forma, com todos envolvidos com um único objetivo de conscientizar a sociedade que todos nós fazemos parte de um enorme grupo formado por vários povos cada um com suas riquezas culturais e suas singularidades.

Por último quero lhe agradecer Sara, pelo incentivo e reforço que você com suas pesquisas e palavras nos encontros, me deu para

que eu continue buscando e entendendo melhor as relações étnico-raciais e a partir dessas experiências contribuir também no dia-a-dia, tanto no trabalho, como na família e em todos os espaços que esteja presente.

Gratidão!

Renata de Sousa Costa da Cunha

CARTA 6

Juazeiro do Norte-CE, 29 de abril de 2023.

Entre encontros, desencontros e reencontros: uma reflexão sobre os caminhos da vida que me trouxeram até aqui.

“Se fosse fácil achar o caminho das pedras, tantas pedras no caminho não seria ruim” (Engenheiros do Hawaii).

Ao diálogo com projeto diversidade das relações étnico-raciais na Educação Infantil.

Olá! Tudo bem? Eu me chamo Simone Salviano Nascimento e, irei contar um pouco do meu percurso de vida até chegar neste momento tão especial.

Nasci no dia 20 de junho de 1989, na cidade do Crato-CE. Desde criança morei no Bairro Lameiro, mais precisamente, no Sítio Luanda onde moro até os dias atuais.

Sou filha de pessoas simples e que acreditavam que o único caminho era por meio da educação. Meus pais eram agricultores e não tiveram muitas oportunidades para estudar, desde muito cedo tiveram que ajudar suas famílias no trabalho, porém, sempre incentivaram e tentaram dar aos filhos a oportunidade que não tiveram.

Então, fazendo um resgate da minha trajetória vem um misto de emoções, vem na memória minha mãe incentivando a estudar para que eu pudesse ter minha autonomia e independência. Hoje sou fruto de valores transmitidos pela minha mãe e de tantas “Marias”

fortes e inspiradoras.

Na infância, lembro que cresci em uma família bem grande, com os meus quatro irmãos, avós, tios, primos que se reuniam nas tardes de domingo ouvindo as histórias do meu avô. Histórias do conhecimento popular, do folclore, saberes sobre a natureza como, por exemplo, observar os formigueiros e prever que a chuva estava por vir. Sentir o cheiro que vinha da chapada e dos animais que ali habitavam. Conhecer os frutos, as plantas, suas cores e sabores. E para fechar o dia aquele gostoso banho no rio da água fria.

Em contrapartida, na escola o conhecimento era outro, a valorização dos conhecimentos sistematizados, as histórias eram diferentes com princesas e príncipes brancos. Eu amava a história da Rapunzel, lia e relia sonhando ser essas princesas que não tinham nada a ver comigo, guardo na memória que não existiam outras referências. Na mídia a valorização de mulheres loiras e sim! Eu sonhei em ser “Paqueta”.

Existia um silêncio sobre as relações étnico-raciais em casa, como também, na escola. O negro era retratado com as marcas da escravidão e o índio como alguém que aceitou ser dominado pelo branco em troca de “espelinhos”. E, nesse processo posso destacar que dificultou a construção da minha identidade, foi um período marcado pelo desencontro, pois, passei distanciar das minhas origens, desse contato com natureza, de valorizar os conhecimentos do povo mateiro e desejar me enquadrar nos padrões que eram valorizados socialmente.

O tempo foi passando e ao passo que ia avançando nas etapas da educação básica não me recordo de ações afirmativas. Até que um dia chegou o momento de preencher um questionário () negro, () branco, () pardo. Lembro-me da dúvida do que marcar e lembro mais ainda da resposta da professora: “Se você não é preta nem branca, você é parda”. Sem nenhuma problematização, sem discussão sobre nossas matrizes, sem um posicionamento político. Era mais ou menos no automático. E assim vivi marcando nos formulários: Parda... Parda... Parda... Nessa época a busca era se enquadrar em padrões de beleza que não condiziam com o perfil da

nossa sociedade.

O cabelo tinha que ser liso para ser considerado bonito. Isso contribuiu para construir uma insegurança com minha imagem E, trago marcas até os dias atuais, pois, logo após engravidar tentei passar pela transição capilar tanto pela questão da utilização de produtos químicos, como pela reflexão de que valores eu estaria passando para minha filha. Foi um processo bastante difícil primeiro pela minha própria aceitação, de não me achar bonita com o cabelo natural. Em segundo lugar, a pressão social para eu voltasse alisar os cabelos como, por exemplo, a fala “você está parecendo descuidada”.

Voltando para o resgate do percurso de vida posso refletir que na Educação Básica havia poucos debates em relação à diversidade, racismo, discriminação e preconceito. Ou melhor, tudo era tratado de forma geral. Existiam ações pontuais mais voltadas à disciplina do que desconstrução de estereótipos negativos sobre a diversidade. E assim cheguei à Universidade, buscando descobrir quem eu era e qual caminho seguir.

Em 2008, iniciei o curso de Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri- URCA e a partir das disciplinas me fizeram ampliar a visão de mundo, construir novos referenciais e começar a compreender um pouco melhor a construção histórica da nossa sociedade. Conheci também, a política das cotas como uma forma de reparação dos danos causados pelo racismo estrutural através da professora Cícera Nunes. Foi o início para o processo de encontro e construção da minha identidade.

Nesse período fui bolsista de iniciação a docência pelo PIBID. Esse foi um impulso para eu descobrir qual meu papel no mundo, pude refletir bastante sobre a minha trajetória e o caminho que queria trilhar. Comecei a desenvolver trabalhos sociais contribuindo com as pessoas da minha comunidade e ajudar aqueles que não tiveram as mesmas oportunidades. Eu e um grupo de amigos fundamos uma associação para conseguirmos melhorias para os moradores em parcerias com entidades oferecendo cursos técnicos entre outras ações.

No segundo semestre de 2012, me formei e comecei a trabalhar como professora temporária na rede municipal de ensino na cidade do Crato. E nesse momento percebi que não queria repetir aquelas práticas tradicionais descontextualizadas. Foi assim que iniciou um processo de busca, de tentativas, erros e acertos. Trabalhei durante 7 anos com o objetivo de ampliar o repertório cultural das crianças e que elas valorizassem sua história que começava antes mesmo delas nascerem.

Em paralelo, no ano de 2017 ingressei também da rede particular de ensino. Nessa instituição pude aprender bastante e reconstruir minha prática. Contemplando noções de sustentabilidade, ludicidade e protagonismo infantil. Foi nessa época de despertou meu amor pelas contações de história como forma de ampliação de repertórios culturais.

Vivenciando a experiência de trabalhar na rede particular e pública pude aprender bastante e perceber como podemos fazer a diferença na vida das pessoas, principalmente para as crianças da rede pública que não tem muito acesso a conhecimento, cultura e muitas vezes sem o apoio familiar.

Em 2018, comecei minha Especialização em educação infantil URCA, foi uma experiência bastante significativa. Cheia de encontros com professoras incríveis com compartilhamento de vivências inspiradoras. Nesse momento, conheci a pesquisadora Sara Raquel, mulher forte, encantadora e de sorriso doce. Na ocasião pude ampliar as noções de currículo para as crianças. Respeitando seus tempos, espaços e trajetórias. Proporcionando práticas pedagógicas que contemplassem a diversidade e respeito às diferenças e apresentar nossa história em uma perspectiva diferente, conhecer e apresentar o continente africano através de suas riquezas e suas influências no nosso país.

Em 2021, ingressei no meu trabalho como professora efetiva na cidade de Juazeiro do Norte. Foi um momento de extrema felicidade, pois, foi à realização de um sonho sonhado por mim, como pelos meus pais e familiares. Foi à prova que o caminho para transformação é a educação.

Infelizmente, meu pai não pode celebrar comigo essa conquista, mas, seus ensinamentos e palavras e energia estão presentes em mim e na minha prática. Ele ensinava “nem os dedos da mão são iguais”. E isso me faz refletir que precisamos sempre respeitar as diferenças, a singularidade de cada ser e acolher.

Dessa forma, busco atualmente oferecer práticas com a sensibilidade ética, estética e política citadas nos documentos oficiais. Valorizando a trajetória de cada criança, como sujeito histórico, cultural e emocional. Enaltecendo que elas são frutos de uma linda história de amor, de força, de luta e de influência negra, indígena e branca.

Nesse novo trabalho foi um período de encontro de novas professoras incríveis, com visões de mundo diferentes e de reencontros com outras colegas que conheci na caminhada com trocas, conversas, empatia e cooperação como, por exemplo, Sara. E, nesse processo chegamos até aqui, onde reflito sobre o processo de reconstrução da minha identidade e o que estou fazendo para contribuir para construção da identidade das novas gerações de forma a desconstruir estereótipos negativos, o racismo e o preconceito seja ele de cor, raça, gênero ou classe social.

Como defende o pensador Paulo Freire, em seu livro “Educação como prática da liberdade” “A Educação é um ato de amor e por isso um ato de coragem. Não se pode temer o debate. A análise da realidade. Não se pode fugir da discursão criadora, sob a pena de ser uma farsa”. (FREIRE, 2011, p. 127).

A professora fala: Somos uma misturinha do papai, da mamãe, dos nossos avós, bisavós e tataravós e ouros familiares, fruto de uma história que começa antes mesmo da gente nascer.

Esse estudo proporcionou uma reflexão sobre as práticas pedagógicas na instituição e uma nova ação. Foi o fio condutor para que eu pudesse me inspirar e encontrar novas linhas de estudo e pesquisa. Ao revisitar minha história, pude reencontrar comigo, hoje posso dizer que tento valorizar como eu sou, ser e usar o que me faz sentir bem. Pude também, perceber que sempre estive ao

lado de mulheres fortes, batalhadoras. Ao passo que socialmente, muitas vezes não são valorizadas por isso. E surgiram tantas perguntas?

Tantos porquês? Por que tentamos nos enquadrar em moldes que nos limitam? E quando uma pessoa não se encaixa nestes padrões, o que fazer?

Nessa problemática comecei a trabalhar com as crianças a desconstrução das primeiras impressões sobre gênero e diversidade que elas aprenderam com a família e comunidade, de forma dialogar sobre estereótipos e estigmas negativos aprendidos socialmente, apresentando novos paradigmas e construir uma imagem positiva de si.

Por fim, quero agradecer a oportunidade de ter participado desse estudo, tendo em vista que, contribuiu bastante para minha prática pedagógica refletindo sobre quais repertórios culturais estou defendendo e, principalmente, para o lado humano de como acolher e como abordar temas considerados tabus com minha filha, família e crianças da instituição que trabalho.

Com carinho, Simone Salviano.

CAPÍTULO IV - CONTRIBUINDO COM O PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL MEDIANTE A PEDAGOGIA AFRO-AFETIVA

Para a mudança de mentalidade e de ações cremos ser necessária a construção de uma escola e de uma sociedade sem racismo e que valorize todos os matizes de que somos construídos.

Azoilda Loretto da Trindade

Construir um PPP na Educação Infantil é conquistar uma identidade comum a todos os envolvidos no processo educativo. “É, portanto, indispensável a elaboração de um trabalho que promova o respeito mútuo, o reconhecimento das diferenças, a possibilidade de falar sobre elas sem receio e sem preconceitos.” (CAVALLEIRO, 2021, p. 101).

Buscar desenvolver um sentimento coletivo de acolhimento as diferenças no PPP é conquistar um espaço de participação, onde cada sujeito é protagonista de sua história e capaz de contribuir respeitosamente com ações e atitudes mediadoras de outras histórias.

A Pedagogia Afro-Afetiva é capaz de tocar aquilo que é mais significativo nas histórias de vida das pessoas; a sua identidade, mediada pelo acolhimento educativo aos valores civilizatórios afro-brasileiros (VCAB).

As cartas das professoras refletem experiências prazerosas e angustiantes ao longo de suas trajetórias. Na carta 1, é possível compreender o sentimento angustiante da professora ao perceber em suas experiências na Educação Básica a forma desumana que as populações negras eram tratadas nos livros de história, quando afirma: “A relação étnico-racial que eu tive foi nas ilustrações dos livros de história, nas páginas que mostravam os escravos acorrentados.” (Professora – Carta 1).

Mas adiante é tocada pelo distanciamento e a falta de sensibilidade dos seus próprios familiares, como se refere na descrição de sua avó paterna e demais idosos do seu entorno: “[...]”

escutei muitas falas dela racistas e também de outros idosos daquela época, e a família tratava aquilo como algo muito engraçado e naturalizado entre a gente.”

Estas experiências relatadas pela professora na carta 1, aponta para o desconhecimento dos (VCAB) na proposta pedagógica imposta durante muito tempo nas instituições educativas, reforçando mais ainda a prática do racismo pela população idosa. Nesse cenário as crianças não tinham como construir uma identidade positiva frente as relações étnico-raciais, consequentemente ocasionando o silêncio e a baixa estima coletiva.

Hoje contamos com a Lei 10.639/03, estabelecendo a obrigatoriedade do “[...] estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.” (BRASIL, Lei 10.639/2003, p.1).

Esta obrigatoriedade do currículo escolar brasileiro em construir uma proposta pedagógica a luz da Lei 10.639/03 é urgente, pois há vinte anos a luta tem sido acirrada pelo movimento negro, não dar mais para continuar com um PPP homogêneo sem garantia das relações étnico-raciais, sem valorização e o devido respeito ao potencial afro-brasileiro em nossas construções do eu, do outro e do nós. Não admitimos mais o racismo sendo imposto as nossas crianças. Chega!

Na Carta 2, a professora partilha deste mesmo sofrimento, quando afirma:

[...] sempre vivi nesse meio em que o racismo era vívido. Minhas primas chamadas “nega do cabelo pituim” e questionadas constantemente, “porque você usa essa arapuca na cabeça?” sofriam bem diante dos meus olhos essa violência. Eu como pessoa branca nunca entendi completamente essa dor. Mas, me entristeço ao ver que ainda hoje alguns dos meus alunos e alunas, pretos e pardos negam seus cabelos e peles devido a permanência desse racismo. (Professora – Carta 2)

Educar crianças é afetar positivamente aquilo que mais lhes chamam atenção na EI: a Educação Artística e as Literaturas principalmente aquelas que permitem visibilizar suas identidades a partir das Histórias Brasileiras.

Estamos em 2023 e ainda hoje as crianças não saborearam em suas experiências na EI, o real sentido dos traços, sons, cores e formas que nos constituem. O PPP atual precisa ganhar traços, sons, cores e formas a partir da identidade afro-brasileira que nos constitui. Como estabelecido na Lei 10.639/03: “Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras.”

Na Carta 3, a professora relata que apenas em sua formação universitária pôde conhecer o sentido das relações étnico-raciais:

Depois de várias tentativas para passar no vestibular, finalmente em 1997, ingressei na URCA (Universidade Regional do Cariri), no curso de Pedagogia, lá tive um contato mais amplificado sobre a temática abordada, tinha uma professora chamada Rosa, que era professora substituta, do movimento negro e muito engajada em promover ações antirracistas dentro da Universidade. Ela promovia seminários e convidava não somente educandos do curso de Pedagogia como dos demais cursos do campus, esses encontros falavam sobre o impacto de piadas racistas. (Professora – carta 3)

O PPP atual da EI deve se preocupar em dar sentido para as mobilizações do corpo, gestos e movimentos. Observar os corpos existentes e suas trajetórias ao longo do tempo histórico-sócio-cultural, demonstrar mediante os gestos ou ações capazes de romper com o racismo e movimentar toda comunidade escolar neste sentido, seja por meio da formação continuada docente, reuniões com as famílias, parceria com eventos de potencial antirracista para melhor contribuir com o desenvolvimento pleno das crianças.

Na Carta 4, a mesma professora que: “Não entendia o porquê de não poder ser anjo nas coroações de Maria no mês de maio, de não ser escolhida para desfilar.”, demonstra um potencial incrível de superação ao racismo que sofreu mais não entendia o seu

significado.

Especializei-me em gestão com ênfase em Psicopedagogia na Faculdade Leão Sampaio. Quando trabalhava no SESI, algumas pessoas chegavam para mim e perguntavam onde eu morava. Quando eu respondia na Batateira, eles logo me interrogavam: Pode sair alguém capaz de trabalhar nessa empresa desse bairro? E eu respondia, eu estou aqui. (Professora – Carta 4)

O PPP precisa abrir espaço para a escuta, fala, pensamento e imaginação das crianças dando visibilidade as suas vozes nas contações de histórias, recontos e encenações ao longo de todo o ano na EI. Com um dia na semana para cada turma fazer um reconto de histórias afro-brasileiras.

A Lei 10.639/03 incluiu o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”, esse dia deveria ser refletido e garantido nacionalmente como feriado intencionado à reflexão das nossas ações de combate ao racismo, o qual ainda hoje nos acorrenta. Assim o desejo da professora – Carta 5, em conjunto de todos os educadores que refletem suas ações e contribuem com uma Pedagogia Afro-Afetiva seria concretizado.

Meu desejo é que temas sobre relações étnico-raciais sejam explorados em todas as esferas para todas as classes e em todos os níveis. Só dessa forma, com todos envolvidos com um único objetivo de conscientizar a sociedade que todos nós fazemos parte de um enorme grupo formado por vários povos cada um com suas riquezas culturais e suas singularidades. (Professora – Carta 5).

E por último, a Carta 6, nos convida a construir um PPP que torne os espaços, tempos, quantidades, relações e transformações significativos na EI. Assim como a URCA transformou a minha vida em conjunto da maioria que aqui apresentou sua carta, a EI também possa ser um espaço de transformação na vida das crianças a partir das relações étnico-raciais.

Esse estudo proporcionou uma reflexão sobre as práticas pedagógicas na instituição e uma nova ação. Foi o fio condutor para que eu pudesse me inspirar e encontrar novas linhas de estudo e pesquisa. Ao revisitar minha história, pude reencontrar comigo, hoje posso dizer que tento valorizar como eu sou, ser e usar o que

me faz sentir bem. pude também, perceber que sempre estive ao lado de mulheres fortes, batalhadoras. (Professora - Carta 6).

Nessa perspectiva, a pesquisa desenvolvida na EMEI proporcionou um olhar sensível das professoras para a efetivação de um PPP pautado na Pedagogia Afro-Afetiva. Como proposta coletiva foi sugerida a continuidade dos encontros acolhendo não somente as professoras e a gestão escolar, mas também as famílias das crianças que queiram participar de um Grupo de Estudos de Educação das Relações Étnico-Raciais para a Educação Infantil (EREREI). Com esse espírito de parceria edificamos uma rede comprometida com a diversidade étnico-racial na Educação Infantil e com os estudos da EREREI na EMEI.

Figura 08: Momento de fortalecimento dos laços afro-afetivos com as Professoras da EMEI



Fonte: Acervo pessoal

Edificar uma casa não é uma tarefa simples, exige engajamento de toda uma equipe que trabalhe fortalecendo sua base, objetivando a sustentabilidade e a qualidade de vida para os seus habitantes.

Na escola o PPP constitui a base de concepções e práticas que dão sustentabilidade ao currículo pedagógico, se a equipe não se envolver no processo de sua edificação não haverá uma boa estruturação, ocasionando muitos problemas. “A escola em que as tomadas de decisão são coletivas, envolvendo toda a comunidade

escolar, torna viável a efetiva implementação das DCNERER.” (MONTEIRO, 2019, p. 74).

[...] faz-se necessária a implementação da referida Lei, por meio da regulamentação nos documentos normativos e de planejamento dos estabelecimentos de ensino, na exigência da criação de grupos de trabalhos sobre o tema e na garantia de condições humanas, materiais e financeiras para a execução de projetos sobre a temática e mecanismos de avaliação da efetivação da Lei. (COELHO; REGIS; SILVA, 2021, p. 3).

No Grupo de Estudos EREREI, serão elaboradas ações, projetos, entre outras estratégias construídas em coletividade com os educadores da EMEI à luz da Lei 10.639/2003 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana - DCNERER (BRASIL, 2004), baseando-se em seus princípios de: I) consciência política e histórica da diversidade; II) fortalecimento de identidades e direitos e; III) ações educativas de combate ao racismo e a discriminação. (DCNERER, 2004, p. 18-19).

O conjunto destes princípios são bases fortes para a condução do trabalho pedagógico em todo o percurso da educação básica, em outras palavras compreende-se que: “Estes princípios e seus desdobramentos mostram exigências de mudança de mentalidade, de maneiras de pensar e agir dos indivíduos em particular, assim como das instituições e de suas tradições culturais.” (DCNERER, 2004, p. 20).

Assim, o Grupo de Estudos EREREI na EMEI pretende contribuir com um PPP que zele pelas relações étnico-raciais na EI, priorizando a Pedagogia Afro-Afetiva e os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros em conformidade com a Lei 10.639/03 e as DCNERER.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A realização desta pesquisa representa um sonho contemplado pela riqueza do diálogo partilhado com professoras da Educação Infantil. Um caminho de fortalecimento na luta contra o racismo e qualquer forma de preconceito e discriminação que venha corromper as relações étnico-raciais, as quais construímos ao longo das nossas histórias de vidas refletidas socialmente, culturalmente e profissionalmente.

A Pedagogia Afro-Afetiva impulsionada pela Azo e orientada pela Cicera, me permitiu compreender os valores civilizatórios afro-brasileiros em minha identidade, dessa forma também pude afetar positivamente minhas colegas de trabalho na EMEI Professora Francisca Letícia do Amaral Brasileiro.

É preciso não somente conhecer os valores civilizatórios afro-brasileiros, mas, também colocá-los em prática desde a base de formação e ampliação de saberes dos sujeitos. A Educação infantil é esta base, que em oposto a naturalização das práticas pedagógicas reforçadoras do racismo nas salas de experiências, deverá ser baseada nas mediações afro-afetivas, repletas de acolhimento às relações étnico-raciais que nos constituem.

Espero que cada detalhe dessa pesquisa possa fazer diferença na vida de cada docente, disposto a contagiar bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas com axé/energia vital, oralidade, circularidade, corporeidade, musicalidade, ludicidade, cooperação, memória, ancestralidade, religiosidade e territorialidade.

Nessa perspectiva a formação docente precisa ser ressignificada em suas concepções e práticas pedagógicas, com estudos que priorizem a educação antirracista e as mediações afro-afetivas fortalecendo o desenvolvimento das crianças.

Os Cursos de Licenciaturas, em especial o Curso de Pedagogia precisa replanejar urgentemente os seus currículos dando maior potencialidade a Lei 10.639/03 e as DCNERER em suas teorias e

metodologias, Estágios Supervisionados, entre outras especificidades didático-pedagógicas.

A partir dos encontros realizados com as professoras da EMEI em decorrência desta pesquisa, surgiu o desejo no coração de cada professora em criar um Grupo de Estudos de Educação das Relações Étnico-Raciais para a Educação Infantil (EREREI), objetivando refletir sobre o PPP e suas ações de efetivação da Lei 10.639/03, das DCNERER e da Pedagogia Afro-Afetiva na Educação Infantil.

Portanto, cooperemos uns com os outros na construção de um Projeto Político-Pedagógico onde as crianças possam ser reconhecidas por quem elas são, priorizando suas relações étnico-raciais e uma educação antirracista. Assim, construiremos uma história de mais amor e afeto por quem somos, onde expressaremos verdadeiramente em nossas ações e atitudes o: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (ALMEIDA, 2011, p. 984).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

BÂ, Amadou Hampâté, 1900 – 1991. **Amkoullel, o menino fula**. Amadou Hampâté Bâ; Tradução Xina Smith de Vasconcellos. – São Paulo: Palas Athena: Acervo África, 2013.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força: rotinas na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Lei Federal de 05/10/1988. Brasília Senado Federal, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP nº. 01, de 17 de junho de 2004. Institui **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: MEC, 2004.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Secretaria da Promoção de Políticas da Igualdade Racial. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília, 2004.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (LDB). Lei Federal nº 9.394, de 26/12/1996.

BRASIL. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003.

BRANDÃO, Ana Paula; SANTOS, Kátia; [organizadoras]. **Saberes e fazeres**: caderno de metodologia. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2015. -- (Coleção Kit pedagógico: Projeto A Cor da Cultura).

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. -- 6. Ed., 7ª reimpressão. -- São Paulo: Contexto, 2021.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; RÉGIS, Kátia Evangelista; SILVA, Carlos Aldemir Farias da. Lugar da educação das relações étnico-raciais nos projetos político-pedagógicos de duas escolas paraenses. **Revista Exitus**, Santarém/PA, v. 11, p. 01-24, E-location 020129, 2021.

CUNHA JUNIOR, H. A. **Ntu**. Revista Espaço Acadêmico, v. 9, n.108, maio, 2010.

FREIRE, Paulo, **Educação como prática da liberdade**. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

MONTEIRO, R. B. A importância da gestão democrática para a Implementação das políticas curriculares de ação afirmativa e sua relação com a formação de gestores. **Laplage em Revista (Sorocaba)**, vol.5, n.Especial, set.- dez. 2019, p.71-82 ISSN:2446-6220.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; CÂMARA, Michelle Januário. Reflexões sobre currículo e identidade implicações para a prática pedagógica. In: Moreira, Antonio Flávio, CANDAL, Vera Maria (orgs.) **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petropolis, RJ: Vozes, 2008.

MUNANGA, K. (Org.) **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC, 2005.

Educa(ções) no cariri cearense [livro eletrônico] : história do protagonismo feminino / Organizadores Adriana de Alencar Gomes Pinheiro.. [et al.]. -- Rio de Janeiro, RJ: e-Publicar, 2022.

NUNES, C.. Narrativas de mulheres negras: cultura de base africana e educação no Cariri cearense. **REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA**, v. 06, p. 1070-1083, 2021.

NUNES, C.; SANTANA, J. C.; FRANCO, N. H. R. Epistemologias negras e educação: relações étnico-raciais na formação do(a) pedagogo(a). **Roteiro**, [S. l.], v. 46, p. e26314, 2021. DOI:10.18593/r.v46i.26314. Disponível em: https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/arti_cle/view/26314. Acesso em: 13 set. 2022.

PINHEIRO, Adriana de Alencar Gomes.. [et al.]. **Educa(ções) no cariri cearense [livro eletrônico]**: história do protagonismo feminino. Rio de Janeiro, RJ: e-Publicar, 2022.

SILVA, Gisele Rose da. **Azoilda Loretto da Trindade**: o baobá dos valores civilizatórios afro-brasileiros. 1. ed. -- Rio de Janeiro: Metanoia, 2021.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Valores civilizatórios afro-brasileiros na Educação Infantil.** In.: Valores afro-brasileiros na Educação. Boletim, v. 22, 2005. p. 30-36. (Salto para o Futuro).

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Fragmentos de um discurso sobre afetividade.** In.: BRAN-DÃO, Ana Paula. Saberes e fazeres: modos de ver. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. p. 101-112. (A cor da cultura; v.1).

ULISSES, Sara Raquel de Alencar Ferreira. **Diversidade na primeira infância:** escuta das crianças de uma turma multisseriada localizada no sítio Limoeiro em Ouricuri-PE. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Regional do Cariri.

SITES VISITADOS

<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2023/06/28/populacao-em-juazeiro-do-norte-ce-e-de-286120-pessoas-aponta-o-censo-do-ibge.ghml>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_dos_cinquenta_munic%C3%ADpios_mais_populosos_do_interior_do_Nordeste_do_Brasil

